



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**DINAH RODRIGUES DE SOUZA**

**(entrevista)**

**2017**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-787

**Entrevistada:** Dinah Rodrigues de Souza

**Nascimento:** 04/02/1980

**Local da entrevista:** Brasília, DF

**Entrevistadora:** Pamela Siqueira Joras

**Data da entrevista:** 17/05/2017

**Transcrição:** Bruna Moraes Costa

**Pesquisa:** Bruna Moraes Costa e Suellen dos Santos Ramos

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 10 minutos e 22 segundos

**Páginas Digitadas:** 10 páginas.

**Observações:**

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte coordenado por Silvana Goellner.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Formação; Atuação no Ministério do Esporte; Envolvimento com o Programa Esporte e Lazer da Cidade; Atuação como consultora pedagógica; Atividades desenvolvidas; Sistema Mimboé; Avaliação de políticas públicas; Educação à Distância; Importância do Programa Esporte e Lazer da Cidade; Relevância das políticas públicas de esporte e lazer; Relação com conveniados; Esporte e lazer como direito social.

Brasília, 17 de maio de 2017. Entrevista com Dinah Rodrigues de Souza a cargo da pesquisadora Pamela Siqueira Joras para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

P.J. – Dinah, primeiro eu queria te agradecer por dispor desse teu tempo para vir aqui falar conosco. Eu queria que tu começasse falando um pouquinho da tua formação, da tua trajetória.

D.S. – Eu sou pedagoga de formação, hoje eu sou a única pedagoga de formação dentro da coordenação pedagógica do PELC<sup>1</sup> e do Vida Saudável. Fico até lisonjeada pelo fato, e bacana porque eu posso trazer um pouco da minha formação para dentro do programa, que é um privilégio porque muitas vezes a gente trabalha dentro de órgãos públicos... A gente é formado em determinado curso e você não consegue atuar na tua área de formação e isso para mim é muito importante, muito bacana. Dentro da coordenação pedagógica hoje eu sou consultora pedagógica dos programas PELC e Vida Saudável em parceria com o Joel<sup>2</sup>, que foi entrevistado anteriormente, nós fazemos um trabalho... Eu não atuei, não tive outro cargo dentro dessa coordenação, desde o início fui consultora pedagógica, não atuei como orientadora, mas agora a gente agregou também o trabalho de orientação por conta do grande volume de convênios e é bacana porque você tem o olhar dos dois cargos e você sabe essa diferenciação, mesmo porque com o cargo de consultora pedagógica você já tem que ter um olhar técnico e um olhar pedagógico no que diz respeito a orientação das entidades nos processos pedagógicos. E o acompanhamento do consultor se resume, dentro de muitas de suas atribuições, no acompanhamento das formações modulares dos convênios no que diz respeito no acompanhamento dos relatórios, um olhar crítico, elaboração de relatórios, desses relatórios que são... De pareceres desses relatórios que são confeccionados pela nossa equipe de formadores lá nos módulos *in locus* e isso é distribuído para os orientadores que acompanham os projetos, os convênios e depois a gente faz um acompanhamento com cada orientador, fazendo a leitura, extraíndo a informação disso para auxiliar os convênios no que diz respeito a pontos positivos e a pendência que a gente pode sanar e a estar melhorando a execução desses convênios.

---

<sup>1</sup> Programa Esporte e Lazer da Cidade.

<sup>2</sup> Joel Soares da Silva.

P.J. – A tua formação é aqui em Brasília mesmo?

D.S. – Sim, eu sou nascida, criada em Brasília e a minha formação de Pedagogia é em Brasília, sou pedagoga de formação com pós-graduação em Educação Inclusiva e Orientação Educacional.

P.J. – E como foi o teu primeiro contato com o PELC? Como tu chegou a conhecer o PELC pela primeira vez?

D.S. – Bom, eu já estou no Ministério do Esporte desde 2011, inicialmente eu ingressei no Programa Segundo Tempo e como isso tudo... Como os programas esportes, os programas sociais de esporte e lazer fazem parte da mesma secretaria e eu já estava inserida nessa secretaria, sai do Segundo Tempo e tive o convite para ingressar no PELC. Eu não conhecia muito à fundo o Programa então eu vim cheia de raízes de Segundo Tempo digamos assim e aí eu fui apresentada para a Ana Elenara<sup>3</sup> a ao Programa PELC e Vida Saudável e, assim, a proposta é apaixonante. Mais apaixonante é quando você vai *in loco* e vê a coisa sendo executada e o olhar dos beneficiados, das senhorinhas, dos senhorzinhos e das crianças. Aí você vê o quanto que você está aqui mexendo com papel e com burocracia reflete na vida da pessoa lá na ponta, isso que é o apaixonante, porque aí o seu olhar sorri e aqui atrás de papéis e de folhas e na frente do computador de repente você não tem tantos sorrisos no olhar e é encantador quando você vai *in loco* nas prefeituras, nos municípios e você têm esses sorrisos no olhar quando você vê, como reflete, como o seu trabalho aqui com essa burocracia toda reflete na vida das pessoas, isso eu achei fantástico e bárbaro é muito gratificante. Sempre quando entra uma pessoa nova na equipe eu falo: “Você sempre tem que ir *in loco*, você tem que acompanhar isso porque daí você vai ver a essência do programa, vivendo mesmo e com o seu olhar, aí você vai se sensibilizar com isso.” E quando você regressa para o Ministério você trata a coisa com mais humanidade, digamos assim, que você fala: “Poxa, isso é tão importante para quem está lá na ponta, isso vai mudar tanto a realidade das pessoas.” Por isso que é bacana, às vezes você ver os vídeos institucionais que a gente faz com os convênios que tem uma atuação exitosa e você vê o depoimento dos beneficiados e você fala assim: “Poxa, de repente eu estou fazendo isso

aqui e não estou sabendo mensurar a importância que isso vai ter lá na ponta na vida de uma pessoa, a mudança que tem na vida dela como um todo.” Isso é super gratificante!

P.J. – Tu comentou agora um pouquinho dessa tua transição do PST<sup>4</sup> para o PELC. Quais seriam as principais dificuldades de passar do projeto PST para o PELC?

D.S. – O PST é muito dentro de um ambiente escolar assim, é muito esportivo e o PELC você tem uma visão mais ampla da coisa, você tem uma inserção da cultura, do artesanato, acho que você tem um contato mais próximo com a comunidade que o PST não te permitia isso. Você tem contato com a senhorinha, você tem o contato com o senhorzinho, você tem o contato com a criança, você tem contato com aquela pessoa com deficiência que de repente é meio que afastada da comunidade e aí você é inserida ali. Eu acho que é convivência da comunidade mesmo e que com o PST você não vê isso tanto porque era o contra turno escolar, a criança estudava pela manhã e fazia atividade a tarde, então, era aquele meio escolar, o ambiente escolar. E no PELC não! Você vê o ambiente comunitário, é a vivência da comunidade com uma série de atores de todos os tipos, do mais variados e isso é mais vivo, não discriminando o PST que tem a sua importância, é outro seguimento que tem a sua importância, os atores são outros com importâncias distintas, mas o PELC tem isso.

P.J. – Tu falaste agora que quando alguém novo chega, tu orienta que vá *in loco*. Me conta como que foi essa tua primeira visita ao PELC, a tua experiência, onde foi, como foi?

D.S. – Fantástico! Eu fui... Eu não acompanhei nenhuma formação, eu fui em Cuiabá<sup>5</sup>, mas Cuiabá não iniciou o programa, então, eu não vou citar eles, eu fui... Não, não posso falar desse também, porque os que eu estive não teve êxito para começar até o momento, então, não posso nem citar uma coisa específica que eu fui.

P.J. – Tu sempre começou no cargo de consultora, tu falou. Tu podes me falar um pouco das funções de vocês e do acompanhamento que vocês têm desses convênios? Como que ele funciona?

---

<sup>3</sup> Ana Elenara da Silva Pintos.

<sup>4</sup> Programa Segundo Tempo.

D.S. – Sim, os convênios chegam na nossa orientação, isso tudo é distribuído para orientadores pedagógicos, então, os convênios sempre são recepcionados por um orientador pedagógico específico, cada um tem “x” número de convênio e, então, cada prefeitura, cada coordenador geral ou pedagógico que seja vai se reportar a um orientador pedagógico que vai cuidar daquilo no que diz respeito as orientações pedagógicas, porque existe uma outra área técnica que cuida da área técnica e financeira daquele convênio e eu como consultora pedagógica cuido de todos os quatro módulos de formação de cada um desses convênios, de todos os convênios vigentes. Nós somos consultores de formação, somos responsáveis por cuidar disso, então, no que diz respeito ao acompanhamento dos prazos que cada módulo tem que acontecer naquele prazo específico conforme rege a diretriz, no que diz respeito ao agendamento, ao acompanhamento da logística em parceria com a UFMG<sup>6</sup> e depois a leitura, análise e confecção do parecer que é feito pelos orientadores pedagógicos de cada convênios específico. O formador vai efetua a formação modular, é confeccionado um relatório de formação e isso é tratado dentro da coordenação pelo orientador específico daquele convênio e isso é transformado em um parecer técnico pedagógico e eu, uma figura de consultora de formação, após a confecção desse parecer a gente senta faz novamente uma leitura desse relatório elaborado pelo formador e uma leitura desse parecer, podendo criticar e contribuir para que a entidade veja o que está sendo exitoso ou não ou o que está faltando, qual buraco a gente pode preencher para que o desenvolvimento do programa seja de forma mais exitosa e que possa ser mais positivo para os beneficiados.

P.J. – Vocês também têm um número “x” de acompanhamentos ou não?

D.S. – Não, nós consultores pedagógicos fazemos acompanhamentos das formações modulares de todos os convênios vigentes. Hoje nós somos dois consultores na coordenação. Eu Dinah e o Joel, somos os únicos dois, então, todos os convênios vigentes nós temos que fazer o acompanhamento das formações modulares de todos.

---

<sup>5</sup> Município brasileiro do estado do Mato Grosso.

<sup>6</sup> Universidade Federal de Minas Gerais

P.J. – Tu acabas trabalhando com o Vida Saudável e Comunidades Tradicionais também. Teria alguma diferença no apontamento desses três projetos, vamos dizer assim, nessas três frentes diferentes?

D.S. – Sim. Uma questão que a gente pode destacar é que hoje infelizmente a gente vê que os nossos convênios de Povos e Comunidades Tradicionais estão ainda muito fragilizados no que diz respeito à preparação mesmo, ao conhecimento das pessoas, são comunidades carentes e, de repente, falta um pouco do nosso olhar. Do nosso conhecer mais a realidade desses povos, que são ribeirinhos, que são outrora indígenas, quilombolas, então, é tratar o diferente com diferença, porque não dá para a gente ter o mesmo olhar de um município para uma comunidade tradicional. Essa diferença é bem viva quando você reflete nos relatórios. No Vida Saudável não. O Vida Saudável meio que se iguala mais ao PELC, de repente tem uma diferença ou outra só se citar a alguma questão mesmo que público alvo, mas como está tudo inserido dentro dos municípios meio que equipara um pouco o conhecimento.

P.J. – Tu quer dizer em respeito ao perfil dessas pessoas que trabalham com os projetos?

D.S. – Sim, sim.

P.J. – Tu falaste agora da tua função de consultora. Tu tiveste alguma preparação anteriormente? Tirando a tua formação pedagógica e tudo mais, teve alguma preparação para esse cargo ou foi mais uma preparação pessoal?

D.S. – Não. Como eu disse anteriormente, eu já vinha de uma vivência, eu ingressei no PELC no finalzinho de 2013 e desde 2011 eu já vinha tendo uma vivência com o PST e aí passando pela área técnica do PST durante todos esses anos e pela área de formalização também de convênios, então, eu já vim com essa bagagem de acompanhamento de convênio e aceitei a proposta. Foi um desafio de ingressar no PELC, inicialmente já como consultora, obviamente que eu já venho com essa bagagem de ser pedagoga de formação e isso contribui bastante e eu já vim com esse olhar e com essa bagagem de acompanhamento de convênios no PST e na área de formalização aonde nascem os convênios. Então eu já acompanhei o nascimento do convênio na área de formalização e



depois na área técnica e financeira o acompanhamento dele. Faltava de fato eu fazer o acompanhamento pedagógico, aí ficou mais fácil para mim por ser a minha área de formação e por eu já ter um conhecimento vasto das outras áreas onde os convênios, esse próprio convênio já teria passado, então, para mim foi muito mais tranquilo e o conhecimento que você tem no Ministério com as pessoas, o abraço que você recebe, a mão amiga, enfim, isso foi muito tranquilo.

P.J. – Tu falou agora da tua facilidade em relação a tua formação, mas quais seriam as dificuldades da execução do teu cargo, quais as principais dificuldades que tu enfrenta?

D.S. – As principais dificuldades do cargo?

P.J. – É. Do teu cargo, as principais dificuldades que tu encontra no teu trabalho, como consultora?

D.S. – Temos os nossos principais parceiros no caso do perfil de consultora são os formadores que vão na entidade desempenhar o módulo e aqui no Ministério os nossos orientadores, então, os parceiros são ótimos porque não existe uma grande dificuldade para eu contar para você porque os consultores nos fornecem esses relatórios e estão sempre abertos para não conseguir compreender o que o convênio te disse. Eu não sei como traduzir isso aqui dentro do parecer pedagógico e essa relação é tranquila, é bem alinhada, é uma relação bem pacífica e com relação aos orientadores pedagógicos também. É bem parceria mesmo, não existe essa questão hierárquica, é bem parceria, porque depois do parecer confeccionado com referência a esses relatórios a gente vai sentar, a gente vai ler e a gente vai fazer aquela dobradinha: “Poxa, o que você acha da gente falar assim para entidade? Você não acha que fica melhor isso daqui? Você não acha que é interessante a gente colocar? Porque de repente isso daqui pode refletir lá na frente e isso fica mais bacana não sei o quê...” Então é uma troca, é um aprendizado para orientador e é um aprendizado para a gente que é consultor também, porque o meu olhar nunca é só meu olhar e de repente o que eu acho importante você não acha, mas aí depois que eu te falo te abre aquele leque: “Nossa realmente eu não tinha visto por esse lado.” Então eu acho que é bacana, é essencial esse segundo olhar e dá um reflexo bacana lá na ponta para o nosso

parceiro como entidade para o trabalho dele ficar mais florido e para ser mais bacana e mais benéfico para os nossos beneficiados que é o que a gente tanto busca.

P.J. – Nas entrevistas que estamos realizando, principalmente com os coordenadores, eles têm apontado dificuldades em relação ao sistema SICONV<sup>7</sup> e ao Mimboé. O que tu acha que poderia ser feito para qualificar mais essa comunicação entre esses sistemas?

D.S. – É de fato o SICONV é o monstro [riso], é o bichinho que ninguém gosta. Acho que falta mesmo é capacitação, falta conhecimento, a gente sabe que os nossos municípios não tem acesso a uma internet bacana, não tem uma velocidade de internet boa, não tem acesso a formação do programa, que de repente passa por uma alguma modificação e entidade não tem esse conhecimento. Então um dos pontos muito positivos que a gente dá nas nossas capacitações gerenciais é deixar um dia exclusivamente para a gente tratar de SICONV e capacitar nosso parceiro, porque isso reflete lá na frente. Não é um bicho de sete cabeças, mas é um programa que se você não compreende a logística dele, a finalidade, uma coisa está amarrada na outra... Então, se eu programei comprar dez bolas eu tenho que listar essas dez bolas que estão lá na aba de programação, eu tenho que colocar essas dez bolas na lista de meus itens pactuados e eu tenho que lá na frente pagar essas minhas dez bolas. É uma lógica, uma coisa está amarradinha na outra, mas aí para isso você precisa ser capacitado e a gente precisa muito disso porque está tudo dentro do SICONV e a prestação de contas depois virá por conta disso. Eu acho que é falta mesmo de capacitação e de conhecimento, mas é um programa bacana sim. De repente poderia ser mais simples se a gente for refletir isso para os nossos municípios, mas é um programa do governo federal que abrange o todo, então, é o que temos e vamos nos capacitar para isso, para a coisa ficar bacana. Eu acho que falta isso, mas ai é bem benéfico essa ação que a gente faz de estar capacitando o parceiro, de convidar uma pessoa *expert* em SICONV e de estar capacitando nosso parceiro para que isso ocorra de forma mais tranquila. Com relação ao Mimboé, é bem autodidata, é bem simples, é bem tranquilo, mas eu falo é bem tranquilo para mim Dinah, de repente para alguém lá no município que tem menos acesso, que tem menos conhecimento seja mais complicado, que não tem tanto acesso assim a tecnologia, que tem mais acesso de repente a prática esportiva é mais complicado. Então cada um na sua caixinha, mas por isso mesmo a gente capacita e a nossa equipe também está sempre muito

aberta para auxiliar o parceiro, a gente tem tutorial do programa, do sistema do Mimboé, a gente tem tutorial passo a passo, a gente tem uma equipe responsável por isso e a gente também está sempre muito aberto a estar orientando e capacitando o nosso parceiro e são programas... Hoje estamos na era da informática, então tudo tem que estar informatizado, computadorizado, é necessário a gente ter um programa que nos dê suporte para isso, para gente ter memória. Falando da memória, mesmo sendo redundante para a gente ter memória disso, porque papel se perde, informação se perde, arquivo físico se perde e a gente ter isso tudo dentro do programa isso é ter memória, a gente cria indicadores, a gente cria dados do programa e daqui a não sei quanto tempo, anos a frente você sabe “em 2015, 2017 a gente tinha abrangido não sei quantos municípios brasileiros, fomos capazes com o PELC, o Vida Saudável e o Ministério de capacitar tantos profissionais, o nosso público era de tantas mulheres, tantas crianças, tantas pessoas com deficiência nós conseguimos alcançar”. Então, tendo o sistema nos possibilita tirar número de indicadores e isso é muito importante para a gente, para a gente saber o quanto a gente está sendo benéfico ou não, o que a gente pode melhorar ou não dentro dos nossos programas e é isso que a gente tem buscado sempre, no dia a dia estar dando uma melhoria para o programa para que a política pública chegue com qualidade lá na ponta, no nosso município, nosso estado, enfim.

P.J. – Tu tens falado das capacitações e agora a gente tem as formações, tem a formação em serviço e agora a formação EaD<sup>8</sup>. Como que tu enxerga essa formação EaD na qualificação desses projetos?

D.S. – A nossa formação em EaD foi um avanço, um avanço porque a gente tem a nossa... Tem já reservado para os nossos atores a formação em serviço, mas é tudo entre eles, eles levam temas relevantes do esporte, do lazer e até mesmo do dia a dia deles para estar em debate e é muito rico o programa estar podendo passar mais informações para eles, com certificado, com tudo, com profissionais qualificados que são os tutores EaD, com material riquíssimo que a UFMG tem preparado com os professores e com os convidados, material riquíssimo e tem sido assim fantástico. Eu tive a oportunidade de iniciar o curso EaD, não tive como terminar por problemas pessoais mesmo, de não ter tempo de encaixar isso na minha agenda, mas uma das coisas que eu quero ingressar agora na próxima turma é no

---

<sup>7</sup> Sistema Nacional de Convênios.

<sup>8</sup> Ensino à Distância

curso EaD, porque a gente escuta que tem sido exitoso, tem sido bacana, tem sido rico, enriquece de conhecimento e além da gente estar levando o programa para os beneficiados a gente está levando conhecimento e a gente está levando formação, isso é rico e a gente está qualificando o profissional, para que de repente quando o PELC acabe naquele município você tem um profissional capacitado na área de esporte e lazer e possa de repente se tornar um líder comunitário possa de repente começar um programa dentro da prefeitura ou até mesmo municipalizar o nosso PELC e o nosso Vida Saudável e tenha o conhecimento e se sinta mais seguro como profissional para fazer aquilo.

P.J. – O PELC trata o esporte e lazer como um direito social. Como que tu vê isso junto as entidades, nesse teu acompanhamento pedagógico tu acha que ele tem surtido esse efeito de direito social?

D.S. – No início meio que as prefeituras ficam assim, de repente não tem esse conhecimento todo assim, porque nem todos os lugares se trata tanto de esporte e lazer da forma com que o PELC leva, democratização do esporte e lazer, a comunidade tem, o cidadão tem o direito ao esporte e lazer e isso a gente tem que empregar muito lá na frente quando a gente faz o nosso planejamento pedagógico, o nosso projeto, de empoderar ela desse conhecimento e de falar “não, vocês de fato tem direito ao esporte e lazer e o programa quer levar isso para vocês, quer levar a comunidade a ter acessibilidade a isso, porque você vai ser rico para vocês, não só a saúde física, mental a interação com a comunidade, o conhecimento”, mas tem muitos municípios que ainda ficam meio assim, mas a gente como equipe pedagógica no início a gente sempre tenta pregar isso e mesmo é uma das coisas que a nossa diretriz reforça.

P.J. – Tem algum fato que te marcou nessa tua trajetória dentro do PELC? Algum fato marcante?

D.S. – Fato marcante na minha trajetória do PELC... Acho que o que me sensibiliza mais é o olhar do beneficiado é o depoimento do beneficiado e muitas vezes quando você conversa com os agentes ou você conversa com o coordenador pedagógico geral a paixão deles de estar levando aquilo para a comunidade, a paixão deles de ver que está mudando a vida e a realidade daquela pessoa dentro da comunidade. Isso é bacana, não é só fazer por

fazer, é fazer e saber que eu estou mudando a vida e a realidade daquela pessoa ali e isso é rico, isso é humano, isso é apaixonante é o que eu falei que o seu olhar sorri, de repente você está no telefone e o seu olhar está sorrindo, não só o sorriso, não só os seus lábios estão sorrindo, o seu olhar está sorrindo porque você vê a paixão da pessoa do outro lado falando: “Não Dinah, mas eu tenho... O programa não pode acabar, o programa tem que continuar porque está mudando a vida das pessoas aqui.” Isso é apaixonante, isso é marcante, porque você vê que o meu trabalho reflete na vida de uma pessoa a quilômetros de distância daqui, isso é lindo.

P.J. – Teria alguma coisa que eu não perguntei que tu gostarias de deixar registrado?

D.S. – Não.

P.J. – Então eu te agradeço mais uma vez e o Centro de Memórias está à disposição.

D.S. – Obrigada, sucesso!

[FINAL DA ENTREVISTA]